

Tecendo histórias

Encontros e desencontros à normais



Patrícia Farina e Tawanna D'Agnes

(ORG)

Todos os direitos reservados.

Editora Claudio Donato

CNPJ: 22.258.290/0001-00

São Paulo 2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente à todos os usuários que participaram deste grupo, bem como os trabalhadores que compartilharam dessa clínica sensível, corajosa e criativa conosco, são eles: Tawanna, Júlia (estágio psicologia), Eliane, Lucas, Elizangela, Michelle, Marilene, Mário, Laira, Tatiane, Tamar, Kenny.

Em memória de Nina (Maria Loureiro) de quem nos despedimos por meio de uma carta história coletiva.

Apresentação

Todo ser humano é feito de carne, osso, angústia e histórias. Histórias que precisam ser ouvidas, escritas, lidas, contadas, recontadas, elaboradas e modificadas. Esse material é resultado do encontro semanal entre usuários e trabalhadores de saúde num grupo de saúde mental realizado nas Unidades Básicas de Saúde Vila Piauí e Vila Jaguara no extremo oeste do município de São Paulo. Ao final de cada encontro

costumávamos construir juntos uma história que representasse o conteúdo do que fora discutido no grupo e pelo grupo. Alguém iniciava com uma frase e o colega ao lado deveria continuar, assim por diante, de frase em frase que iam se agregando até que todos tivessem sua colaboração.

Exemplo:

Participante 1 – “Era uma vez um cachorro...”

Participante 2 - “...que caiu num poço!”

Participante 3 – “Uhummm vamos ver, deixa eu pensar... Era uma vez um cachorro que caiu num poço e começou a latir até que...”

Participante 4 – “...até que uma borboleta amarela apareceu”.

E assim por diante, os últimos participantes deveriam caminhar para o final da história. Um dos terapeutas registra as frases. Caso nos encontros houvesse poucos usuários, então faríamos mais de uma rodada até que a

história se desenvolvesse um pouco mais.

Ao fim da história após ouvi-la pensávamos num título e discutíamos sobre seu significado.

Outra versão dessa técnica era a história oculta, em que o primeiro participante escrevia duas frases num papel, dobrava o papel escondendo a primeira de forma que o participante seguinte só pudesse ler a segunda frase e este deveria continuar a história com mais duas frases e dobrar o papel de

maneira que só a última frase pudesse ser lida pelo próximo participante e assim por diante.

Ao final líamos a história, pensávamos um título e refletíamos sobre o sentido (ou não) do que havíamos escrito ali.

Ao longo do tempo criamos outra variação de história em que escrevíamos sobre um tema, como por exemplo, “Como cuidar de uma orquídea?” e substituimos a palavra